

e em parte como uma transferência para uma universidade mais interessante.

É natural que se tenha medo do **processo** da morte, às vezes doloroso ou inutilmente prolongado por médicos que desejam o bem. Ainda que não seja dolorosa, ou demorada, a morte é normalmente uma pressão emocional para os parentes — e muitas vezes uma pressão financeira e é sempre inconveniente e triste àqueles que são nossos íntimos. É natural, também, ter medo da idéia de se separar da família ou amigos ou deixar algum projeto inacabado. **Mas não há necessidade de se ter medo da próxima existência em si**, ainda menos acreditar nas imagens tristonhas pintadas por algumas Igrejas e decoradas pela indústria funerária.

Ao contrário: podemos encarar a morte como uma viagem fascinante e, na maioria dos casos, estamos justificados quando sentimos um pouco de inveja de amigos que fizeram a viagem antes de nós. Para eles deveríamos fazer uma celebração de **bom voyage** em lugar de uma sessão tradicional de tristeza.

Sentimo-nos tristes, é claro, por aqueles que nos amaram e são deixados para trás. Mas podemos confortá-los com a certeza de que os laços do amor — a forma mais poderosa e criativa do pensamento — são eternos e juntarão aqueles que se amaram na próxima existência, como veremos em seguida. Como Arthur Balfour afirma: 'A morte não pode nos roubar um amor por muito tempo!' (1)

Se temos "algum peso na consciência" como a maioria de nós tem, não precisamos fazer as promessas eclesiásticas de castigo e "julgamento" tão tristemente. Porque se, como foi sugerido anteriormente, fazemos nossos próprios infernos, segue-se que também **podemos desfazê-los**, para o que, sem dúvida, teremos oportunidade ampla. E com os processos de pensamento operando automaticamente para controlar os erros humanos, é difícil ver qualquer necessidade para as Cortes celestes de Justiça ou para sentenças indeterminadas aos penitenciários cósmicos.

Como há duas questões sobre a morte que preocupa muita gente, talvez devamos tentar descobrir as respostas:

Muitos têm medo de que a morte seja uma viagem solitária. Este medo, certamente, passa por cima da organização perfeita da Natureza e subestima sua previsão. Desde que ela normalmente faz arranjos maravilhosos para cuidar das novas chegadas neste planeta — seja para os bebês humanos ou animais novos — podemos dizer com segurança que ela faz previsão também para as novas chegadas na outra existência.

Podemos somente adivinhar, claramente, o que seja. É voz corrente que os moribundos vêem parentes mortos ou amigos íntimos — Sir Auckland Geddes, por exemplo, uma vez relatou a experiência interessante de um homem que esteve à morte. (2) Estas coisas, é claro, não podem ser provadas e as visões relatadas pelo moribundo podiam ser alucinações. De outro lado, poderiam bem ser uma parte da organização da Natureza para providenciar uma "comissão de recepção" com os parentes e amigos do passado para facilitar a transição desta existência à outra.

Quaisquer que sejam os arranjos da Natureza, os médicos e enfermeiras que ouviram muitos depoimentos no leito de morte, daqueles que sabem que estão morrendo, afirmam que estes depoimentos raramente mostram qualquer sentido de medo.

Uma outra questão que preocupa alguns é como se encontrar com seus antigos parentes ou amigos na outra existência. Uma "comissão de recepção" pode ser a resposta. Mas, se não houver tal coisa, as pesquisas do Professor Vasiliév oferecem uma pista, porque, como foi lembrado, os pensamentos do hipnotizador podem alcançar a mente do receptor se o primeiro meramente segura uma fotografia do último; e que não é necessário que o hipnotizador saiba onde está o hipnotizado.

Desde que nem o tempo nem a distância influenciam o sistema de telecomunicação discutido no último capítulo, nossos pensamentos seriam capazes de alcançar